

WILLIAM FAULKNER

O som e a fúria

Tradução
Paulo Henriques Britto

Posfácios
Paulo Henriques Britto
Jean-Paul Sartre



Copyright © 1929, 1956 by William Faulkner

Copyright © 1946 by Random House, Inc.

Copyright © 1984 by Jill Faulkner Summers

Copyright de Jean-Paul Sartre, *Critiques littéraires (Situations, I)* © 1947 by Editions Gallimard

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Sound and the Fury

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Sem título II, da série Baco, Cy Twombly, 2005, acrílico sobre tela, 317,5×468,6 cm
© Cy Twombly Foundation, © Tate, Londres 2017, cortesia de Gagosian Gallery.

Foto do autor

© Henri Cartier-Bresson/Magnum Photos/Fotoarena

Tradução do posfácio

Marcela Vieira

Revisão

Jane Pessoa

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Faulkner, William

O som e a fúria /William Faulkner ; tradução Paulo Henriques
Britto. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Titulo original: The Sound and the Fury

ISBN 978-85-359-2942-3

1. Romance norte-americano 1. Título.

17-05162

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

O SOM E A FÚRIA, 7

Traduzir O som e a fúria, Paulo Henriques Britto, 349

Sobre O som e a fúria: a temporalidade na obra de Faulkner, Jean-Paul Sartre, 363

7 de abril, 1928

Do outro lado da cerca, pelos espaços entre as flores curvas, eles estavam tacando. Eles foram para o lugar onde estava a bandeira e eu fui seguindo junto à cerca. Luster estava procurando na grama perto da árvore florida. Eles tiraram a bandeira e aí tacaram outra vez. Então puseram a bandeira de novo e foram até a mesa, e ele tacou e o outro tacou. Então eles andaram, e eu fui seguindo junto à cerca. Luster veio da árvore florida e nós seguimos junto à cerca e eles pararam e nós paramos e eu fiquei olhando através da cerca enquanto Luster procurava na grama.

“Aqui, *caddie*.” Ele tacou. Eles atravessaram o pasto. Agarrei a cerca e fiquei olhando enquanto eles iam embora.

“Que barulheira.” disse Luster. “Onde que já se viu, trinta e três ano, chorando desse jeito. Depois que eu fui até a cidade só pra comprar aquele bolo pra você. Para com essa choradeira. Por que é que você não me ajuda a procurar aquela moeda pra eu poder ir no circo hoje.”

Eles estavam tacando pequenino, do outro lado do pasto. Fui

andando junto à cerca de volta para perto do lugar onde estava a bandeira. Ela balançava entre a grama ensolarada e as árvores.

“Vamos.” disse Luster. “Aí a gente já olhou. Eles não vai voltar agora não. Vamos lá no riacho encontrar a moeda senão os negros é que vão achar ela.”

Era vermelha, balançando no pasto. Então veio um passarinho descendo inclinado e pousou nela. Luster jogou. A bandeira balançava entre a grama ensolarada e as árvores. Agarrei a cerca.

“Para com essa choradeira.” disse Luster. “Se eles não querem voltar eu não posso fazer nada. Se você não parar de chorar, a mamãe não vai fazer festa de aniversário pra você. Se você não parar, sabe o que eu vou fazer. Vou comer o bolo todinho. Comer as vela também. Comer as trinta e três velas. Vamos lá, vamos lá no riacho. Preciso achar minha moeda. Quem sabe a gente não acha uma bola também. Olha lá. Eles estão lá. Lá longe. Olha.” Ele veio até a cerca e apontou com o braço. “Olha só eles. Eles não volta mais aqui não. Vamos.”

Seguimos junto à cerca até chegar à cerca do jardim, onde as nossas sombras estavam. A minha sombra era mais alta que a de Luster na cerca. Chegamos no lugar quebrado e passamos por ele.

“Espera aí.” disse Luster. “Você prendeu naquele prego outra vez. Será que você nunca consegue passar aqui sem prender no prego.”

Caddy me soltou e passamos para o outro lado. O tio Maury disse para a gente não deixar ninguém ver a gente, então é melhor a gente se abaixar, disse Caddy. Abaixa, Benjy. Assim, ó. Nós nos abaixamos e atravessamos o jardim, as flores raspando na gente e estremecendo. O chão era duro. Subimos na cerca, onde os porcos estavam grunhindo e fungando. Eles devem estar tristes porque mataram um deles hoje, disse Caddy. O chão era duro, remexido e embolotado.

Fica com as mãos no bolso, disse Caddy. Senão elas congelam. Você não quer ficar com as mãos congeladas no Natal, não é.

“Está muito frio lá fora.” disse Versh. “Não inventa de sair não.”

“O que foi.” disse a mãe.

“Ele quer ir lá fora.” respondeu Versh.

“Deixe ir.” disse o tio Maury.

“Está muito frio.” disse a mãe. “Melhor ele ficar em casa. Benjamin. Pare com isso, já.”

“Deixe, o que é que tem.” disse o tio Maury.

“Benjamin.” disse a mãe. “Se você não se comportar você vai para a cozinha.”

“A mamãe falou pra ele não ir na cozinha hoje não.” disse Versh. “Ela disse que tem que preparar um montão de comida.”

“Deixe, Caroline.” disse o tio Maury. “Você vai piorar de tanto se preocupar com ele.”

“Eu sei.” disse a mãe. “É o meu castigo. Eu acho às vezes.”

“Eu sei, eu sei.” disse o tio Maury. “Você tem que poupar suas forças. Vou preparar um grogue para você.”

“Isso me deixa ainda pior.” disse a mãe. “Você sabe muito bem.”

“Você vai se sentir melhor.” disse o tio Maury. “Agasalhe ele bem, menino, e vá passear com ele.”

O tio Maury foi embora. Versh foi embora.

“Por favor, pare com isso.” disse a mãe. “Estamos tentando aprontar você para o passeio o mais depressa possível. Não quero que você fique doente.”

Versh pôs em mim as galochas e o casaco, pegamos meu boné e saímos. O tio Maury estava guardando a garrafa na despensa da sala de jantar.

“Fique com ele lá fora uma meia hora, menino.” disse o tio Maury. “Não saiam do quintal.”

“Sim, senhor.” disse Versh. “A gente nunca deixa ele ir pra rua não.”

Saímos de casa. O sol estava frio e forte.

“Onde que você pensa que vai.” disse Versh. “Você acha que está indo pra cidade, é.” Passamos no meio das folhas barulhentas. O portão estava frio. “Põe as mão no bolso.” disse Versh. “Se pegar no portão elas congela, e aí como é que vai ser. Devia era esperar eles em casa.” Ele pôs minhas mãos nos meus bolsos. Eu ouvia o barulho das folhas. Sentia o cheiro do frio. O portão estava frio.

“Toma essas pecã. Oba. Sobe naquela árvore. Olha o esquilo, Benjy.”

Peguei no portão mas não senti nada, mas sentia o cheiro forte do frio.

“Põe as mão no bolso de novo.”

Caddy estava andando. Depois estava correndo, a sacola de livros balançando atrás dela.

“Oi, Benjy.” disse Caddy. Ela abriu o portão e entrou e se abaixou. Caddy tinha cheiro de folha. “Então você veio me esperar.” disse ela. “Você veio esperar a Caddy. Por que que você deixou ele ficar com as mãos tão frias, Versh.”

“Eu mandei ele botar as mão no bolso.” disse Versh. “Ele cismou de pegar no portão.”

“Você veio esperar a Caddy.” disse ela, esfregando as minhas mãos. “O que foi. O que é que você está querendo contar pra Caddy.” Caddy tinha cheiro de árvore e de quando ela diz que a gente estava dormindo.

Por que que você está chorando, disse Luster. Você vai ficar vendo eles de novo quando a gente chegar no riacho. Toma. Toma esse estramônio pra você. Ele me deu a flor. Passamos pela cerca, para o terreno.

“O que foi.” disse Caddy. “O que é que você está querendo contar pra Caddy. Eles mandaram ele sair de casa, Versh.”

“Não teve jeito.” disse Versh. “Ele chorou tanto que deixaram ele sair e ele veio direto pra cá, ficou olhando no portão.”

“O que foi.” disse Caddy. “Você pensou que quando eu chegassem da escola ia ser Natal. Foi isso que você pensou. O Natal é depois de amanhã. Papai Noel, Benjy. Papai Noel. Vem, vamos correr até a casa pra esquentar.” Ela pegou minha mão e corremos pelas folhas barulhentas e cheias de sol. Subimos os degraus, saímos do frio claro e entramos no frio escuro. O tio Maury estava guardando a garrafa no aparador. Ele chamou Caddy. Caddy disse:

“Leva ele pra lareira, Versh. Vai com o Versh.” disse ela. “Eu já vou já.”

Fomos para a lareira. A mãe disse:

“Veja se ele está com frio, Versh.”

“Está não senhora.” disse Versh.

“Tire o casaco e as galochas dele.” disse a mãe. “Quantas vezes eu já não lhe disse para não entrar com ele de galochas.”

“Sim senhora.” disse Versh. “Fica quietinho.” Tirou minhas galochas e tirou meu casaco. Caddy disse:

“Espera aí, Versh. Ele pode sair de novo, hein, mamãe. Quero sair com ele.”

“Melhor deixar ele aqui.” disse o tio Maury. “Hoje ele já saiu o que tinha que sair.”

“Acho melhor vocês dois não saírem.” disse a mãe. “Está esfriando, segundo a Dilsey.”

“Ah, mãe.” disse Caddy.

“Bobagem.” disse o tio Maury. “Ela passou o dia dentro da escola. Ela está precisando de ar fresco. Pode sair, Candace.”

“Deixa ele ir, mãe.” disse Caddy. “Por favor. Você sabe que ele vai chorar.”

“Então por que é que você foi falar na frente dele.” disse a mãe. “Por que é que você entrou aqui. Só para ele ter um motivo

para me preocupar de novo. Hoje você já saiu o que tinha que sair. É melhor você ficar sentadinha aqui brincando com ele.”

“Deixe eles saírem, Caroline.” disse o tio Maury. “Um pouco de frio não faz mal a ninguém. Lembre que você tem que conservar as suas forças.”

“Eu sei.” disse a mãe. “Ninguém imagina o pavor que eu tenho do Natal. Ninguém imagina. Não sou dessas mulheres que têm resistência. Bem que eu queria ser mais forte, por Jason e pelas crianças.”

“Você tem que fazer o melhor que pode e não ficar se preocupando com eles.” disse o tio Maury. “Podem sair, vocês dois. Mas não demorem muito tempo lá fora. Senão sua mãe vai ficar preocupada.”

“Sim senhor.” disse Caddy. “Vamos, Benjy. Vamos sair de novo.” Ela abotoou meu casaco e fomos em direção à porta.

“Você vai levar esse bebê lá para fora sem pôr as galochas nele.” disse a mãe. “Você quer que ele adoeça, com a casa cheia de visitas, quer.”

“Esqueci.” disse Caddy. “Pensei que ele já estava de galochas.”

Voltamos. “Você tem que prestar atenção.” disse a mãe. *Fica quietinho.* disse Versh. Ele calçou as galochas em mim. “Um dia eu não vou mais estar aqui, e é você que vai ter que pensar por ele.” *Agora pisa com força.* disse Versh. “Venha cá dar um beijo na mamãe, Benjamin.”

Caddy me levou até a cadeira da mãe e a mãe segurou meu rosto e aí me abraçou com força.

“Meu pobre bebê.” disse ela. Ela me soltou. “Você e o Versh, tomem conta dele direitinho, meu anjo.”

“Sim senhora.” disse Caddy. Nós saímos. Caddy disse: “Você não precisa vir não, Versh. Deixa que eu cuido dele.” “Está bem.” disse Versh. “Eu é que não vou sair nesse frio

por gosto.” Ele seguiu e nós paramos no hall e Caddy se ajoelhou e me abraçou e encostou no meu rosto o rosto frio e claro dela. Ela tinha cheiro de árvore.

“Você não é um pobre bebê. Ouviu. Ouviu. Você tem a Caddy. Não é.”

Para com essa choradeira e essa babação, disse Luster. Que vergonha, fazendo esse barulho todo. Passamos pela cocheira, onde estava a carruagem. Uma das rodas era nova.

“Entra aí e fica quietinho até a tua mãe chegar.” disse Dilsey. Ela me empurrou para dentro da carruagem. T. P. segurava as rédeas. “Não sei por que que o Jason não compra uma carruagem nova.” disse Dilsey. “Essa porcaria vai desmanchar inteira um dia desses com todo mundo dentro. Olha só as roda dela.”

A mãe chegou, baixando o véu. Trazia umas flores.

“Onde está o Roskus.” ela disse.

“O Roskus não está podendo levantar os braço hoje.” disse Dilsey. “O T. P. guia muito bem.”

“Tenho medo.” disse a mãe. “Vocês podiam muito bem me arranjar um cocheiro para me levar uma vez por semana. O que eu peço é muito pouco, Deus sabe.”

“A senhora sabe tão bem quanto eu que o Roskus está muito mal do reumatismo e não dá pra ele fazer mais muita coisa não, d. Caroline.” disse Dilsey. “Entra na carruagem, vamos. O T. P. sabe guiar igualzinho ao Roskus.”

“Tenho medo.” disse a mãe. “Com o bebê.”

Dilsey subiu os degraus. “A senhora chama isso aí de bebê.” disse ela. Pegou a mãe pelo braço. “Um homão desse, do tamanho do T. P. Entra, se a senhora quer ir, entra logo.”

“Tenho medo.” disse a mãe. Desceram os degraus e Dilsey ajudou a mãe a entrar. “Talvez seja mesmo o melhor para todos nós.” disse a mãe.

“A senhora devia ter vergonha de dizer uma coisa dessa.”

disse Dilsey. “A senhora sabe muito bem que não vai ser um moleque de dezoito anos que vai fazer a Queenie desembestar. Ela é mais velha que ele e o Benjy junto. E não vai aprontar com a Queenie não, ouviu, T. P. Se a d. Caroline depois reclamar, eu mando o Roskus dar um jeito em você. Ele está doente mas isso dá pra ele fazer.”

“Sim senhora.” disse T. P.

“Eu sei que alguma coisa vai acontecer.” disse a mãe. “Pare com isso, Benjamin.”

“Dá uma flor pra ele segurar.” disse Dilsey. “É isso que ele quer.” Pôs a mão dentro.

“Não, não.” disse a mãe. “Você vai deixá-las cair.”

“Segura elas.” disse Dilsey. “Eu tiro uma pra ele.” Ela me deu uma flor e a mão dela foi embora.

“Vão logo senão a Quentin vê vocês e aí resolve ir junto.” disse Dilsey.

“Onde está ela.” disse a mãe.

“Está em casa brincando com o Luster.” disse Dilsey. “Vamos, T. P. Guia essa carroagem direitinho que nem o Roskus te ensinou.”

“Sim senhora.” disse T. P. “Eia, Queenie.”

“A Quentin.” disse a mãe. “Não deixe...”

“Pode deixar.” disse Dilsey.

A carroagem sacudia e balançava. “Tenho medo de deixar a Quentin.” disse a mãe. “É melhor eu não ir. T. P.” Passamos o portão, e aí parou de sacudir. T. P. bateu em Queenie com o chicote.

“T. P.” disse a mãe.

“É pra ela se mexer.” disse T. P. “Pra ela ficar acordada até a gente voltar pro estábulo.”

“Vamos voltar.” disse a mãe. “Tenho medo de deixar a Quentin.”

“Aqui não dá pra fazer a volta.” disse T. P. Depois ficou mais largo.

“Aqui dá.” disse a mãe.

“Dá sim.” disse T. P. Começamos a fazer a volta.

“T. P.” disse a mãe, me apertando.

“Eu tenho que fazer a volta, não é.” disse T. P. “Eia, Queenie.” Paramos.

“Você vai capotar.” disse a mãe.

“O que é que a senhora quer que eu faço.” disse T. P.

“Tenho medo de você fazer a volta.” disse a mãe.

“Vamos lá, Queenie.” disse T. P. Seguimos em frente.

“Tenho certeza que a Dilsey vai deixar acontecer alguma coisa com a Quentin na minha ausência.” disse a mãe. “Temos que voltar depressa.”

“Eia, Queenie.” disse T. P. Bateu em Queenie com o chicote.

“T. P.” disse a mãe, me apertando. Eu ouvia os cascos de Queenie, e formas brilhantes passavam pelos dois lados, as sombras delas deslizando no dorso de Queenie. Elas seguiam como as rodas, que brilhavam em cima. Então as rodas de um lado pararam perto do soldado que ficava no alto do poste. Mas do outro lado elas continuavam rodando, só que um pouco mais devagar.

“O que é que a senhora quer.” disse Jason. Estava com as mãos nos bolsos e com um lápis atrás da orelha.

“Estamos indo ao cemitério.” disse a mãe.

“Está bem.” disse Jason. “Não vou impedir a senhora de ir. Era só isso que a senhora queria, me dizer isso.”

“Eu sei que você não vem.” disse a mãe. “Eu me sentiria mais protegida se você viesse.”

“Protegida do quê.” disse Jason. “O pai e o Quentin não vão fazer mal à senhora.”

A mãe pôs o lenço embaixo do véu. “Para com isso, mãe.”

disse o Jason. “Vai fazer esse pateta desgraçado começar a berrar no meio da praça. Toca pra frente, T. P.”

“Eia, Queenie.” disse T. P.

“É o meu castigo.” disse a mãe. “Mas logo eu não vou mais estar aqui também.”

“Chega.” disse Jason.

“Eia.” disse T. P. Jason disse:

“O tio Maury sacou cinquenta da sua conta. O que é que a senhora vai fazer.”

“Não sei por que você pergunta isso a mim.” disse a mãe. “Eu não decido nada. Só tento não aborrecer a você e a Dilsey. Logo eu não vou mais estar aqui, e então vocês”

“Toca pra frente, T. P.” disse Jason.

“Eia, Queenie.” disse T. P. As formas continuavam passando. As do outro lado começaram outra vez, deslizando depressa, igual a quando ela diz que a gente vai dormir.

Seu bebê chorão, disse Luster. Tem vergonha não. Passamos pelo estábulo. As baías estavam todas abertas. Você não tem mais nenhum pônei pintado pra montar, disse Luster. O chão estava seco e empoeirado. O telhado estava caindo. Os buracos tortos estavam cheios de um amarelo que rodava. Por que que você quer ir por aí. Quer levar uma bolada na cabeça, quer.

“Não tira as mãos do bolso não.” disse Caddy. “Senão elas congelam. Você não quer passar o Natal com as mãos congeladas.”

Passamos pelo estábulo. A vaca grande e a pequena estavam perto da porta, e ouvíamos Prince e Queenie e Fancy batendo os cascos dentro do estábulo. “Se não estivesse tão frio a gente podia montar na Fancy.” disse Caddy. “Mas hoje está muito frio.” Então vimos o riacho, de onde vinha a fumaça. “É lá que estão matando o porco.” disse Caddy. “A gente pode voltar por lá pra ver.” Descemos a ladeira.

“Você quer levar a carta.” disse Caddy. “Pode levar.” Tirou a carta do bolso dela e pôs dentro do meu. “É um presente de Natal.” disse Caddy. “É uma surpresa do tio Maury pra sra. Patterson. A gente tem que dar pra ela sem deixar ninguém ver. Não tira as mãos do bolso, não, ouviu.” Chegamos ao riacho.

“Congelou.” disse Caddy. “Olha só.” Ela quebrou um pedaço da água e encostou no meu rosto. “Gelo. Quer dizer que está muito frio.” Ela me ajudou a atravessar e subimos a ladeira. “A gente não pode contar pra mamãe nem pro papai. Sabe o que eu acho que é. Acho que é uma surpresa pra mamãe e pro papai e pro sr. Patterson também, porque o sr. Patterson mandou umas balas pra você. Você lembra que o sr. Patterson mandou umas balas pra você no verão.”

Havia uma cerca. A trepadeira estava seca, e ela balançava no vento.

“Só não sei por que o tio Maury não mandou o Versh.” disse Caddy. “O Versh não conta pra ninguém.” A sra. Patterson estava olhando pela janela. “Fica aqui me esperando. Eu volto já. Me dá a carta.” Tirou a carta do meu bolso. “Não tira as mãos do bolso, não.” Subiu a cerca com a carta na mão e atravessou as flores escuras que sacudiam. A sra. Patterson veio abrir a porta e ficou parada.

O sr. Patterson estava cortando as flores verdes. Ele parou de cortar e olhou para mim. A sra. Patterson atravessou o jardim correndo. Quando vi os olhos dela comecei a chorar. Seu idiota, disse a sra. Patterson, eu disse a ele pra nunca mais mandar você sozinho. Me dá. Depressa. O sr. Patterson veio correndo, com a enxada. A sra. Patterson se debruçou na cerca, estendendo o braço. Ela estava tentando subir na cerca. Me dá, ela disse. Me dá. O sr. Patterson subiu a cerca. Ele pegou a carta. O vestido da sra. Patterson ficou preso na cerca. Eu vi os olhos dela de novo e desci a ladeira correndo.

“Pra lá não tem nada, só umas casa.” disse Luster. “Vamos até o rio.”

Elas estavam lavando roupa no riacho. Uma delas estava cantando. Eu sentia o cheiro das roupas no vento, e a fumaça que vinha do outro lado do riacho.

“Fica aqui.” disse Luster. “Você não tem nada que ir pra lá não. Aquela gente de lá vai bater em você.”

“O que é que ele quer fazer.”

“Ele não sabe o que quer fazer não.” disse Luster. “Quer ir até lá onde eles fica tacando bola. Fica sentadinho aí brincando com o teu estramônio. Quer olhar pra alguma coisa, fica olhando pras criança brincando no riacho. Por que que você não sabe se comportar que nem gente.” Eu me sentei na margem, onde estavam lavando roupa e a fumaça subia azul.

“Alguém viu uma moeda caída aqui.” disse Luster.

“Que moeda.”

“A moeda que estava comigo hoje de manhã.” disse Luster. “Perdi ela em algum lugar. Saiu por esse buraco aqui no meu bolso. Se eu não achar ela eu não posso ir no circo hoje à noite.”

“Onde foi que você achou essa moeda, moleque. No bolso de algum branco distraído.”

“Peguei no lugar de pegar moeda.” disse Luster. “Onde tinha essa tinha mais um montão. Mas é essa que eu preciso de achar. Alguém aqui já achou.”

“Eu que não vou procurar moeda nenhuma. Tenho mais o que fazer.”

“Vem cá.” disse Luster. “Me ajuda a procurar.”

“Esse aí nem sabe o que é moeda.”

“Mas ele pode ajudar assim mesmo.” disse Luster. “Vocês vai no circo hoje também.”

“Que circo que nada. Depois que eu acabar de lavar isso tudo vou estar tão cansada que não vou poder fazer mais nada.”

“Aposto que você vai.” disse Luster. “Aposto que você foi ontem. Aposto que vocês vai tudo estar lá hoje quando começar a função.”

“Já vai ter negro demais pra eu ter que ir também. Ontem tinha.”

“Dinheiro de negro vale igual a dinheiro de branco, né.”

“Branco dá dinheiro pra negro porque sabe que o primeiro branco que aparecer com uma banda vai levar todo o dinheiro do negro, aí o negro vai ter que trabalhar pra ganhar mais.”

“Ninguém obriga você a ir no circo.”

“Ainda não. Acho que ainda não pensaram nisso.”

“O que é que você tem contra os branco.”

“Eu não tenho nada contra os branco. Eu levo a minha vida e eles que leva a deles. Eu não vou a circo nenhum.”

“Tem um moço lá que toca música com um serrote. Que nem que fosse um banjo.”

“Você foi ontem.” disse Luster. “Eu vou hoje. Se eu achar aquela moeda que eu perdi.”

“Você vai levar ele com você, não vai.”

“Eu.” disse Luster. “Acha que eu quero estar junto dele quando ele começar a berrar é.”

“O que é que você faz quando ele começa a berrar.”

“Eu bato nele.” disse Luster. Sentou-se e arregouçou as calças. Eles brincavam no riacho.

“Vocês já achou alguma bola.” disse Luster.

“Deixa de ser metido. Quero ver se a sua vó ouvir você falando desse jeito.”

Luster entrou no riacho, onde eles estavam brincando. Ficou procurando dentro da água, perto da margem.

“Eu estava com ela quando vim aqui hoje de manhã.” disse Luster.

“Onde foi que você perdeu ela.”

“Caiu por esse buraco aqui no meu bolso.” Procuraram dentro do riacho. Então todos se levantaram de repente e pararam, depois ficaram espirrando água e lutando. Luster pegou, e ficaram de cócoras dentro da água, olhando para o alto da ladeira por entre os arbustos.

“Cadê eles.” disse Luster.

“Ainda não dá pra ver não.”

Luster guardou no bolso. Eles desceram a ladeira.

“Caiu alguma bola aqui.”

“Deve estar dentro d’água. Nenhum de vocês viu nem ouviu ela caindo?”

“Não ouvi nada caindo não.” disse Luster. “Ouvi foi uma coisa bater naquela árvore ali. Não sei pra que lado que foi não.”

Olharam dentro do riacho.

“Que diabo. Procurem dentro do riacho. Desceu aqui. Eu vi.”

Olharam dentro do riacho. Depois subiram a ladeira outra vez.

“Você pegou a bola.” disse o menino.

“Pra que é que eu quero bola.” disse Luster. “Não vi bola nenhuma.”

O garoto entrou na água. Foi andando. Virou-se para trás e olhou para Luster de novo. Foi andando pelo riacho.

O homem gritou “*Caddie*” do alto da ladeira. O menino saiu da água e subiu a ladeira.

“Mas o que é isso.” disse Luster. “Para com isso.”

“Por que é que ele está chorando.”

“Só Deus sabe.” disse Luster. “Ele começa sem mais nem menos. Hoje está assim o dia todo. Acho que é por causa que hoje é aniversário dele.”

“Quantos ano ele está fazendo.”

“Trinta e três.” disse Luster. “Está fazendo trinta e três ano.”

“Ele está mas é fazendo três ano há trinta ano.”

“A mamãe foi que me disse.” disse Luster. “Eu não sei não. Só sei que o bolo dele vai ter trinta e três vela. Um bolinho de nada. Como que vai caber essas vela toda. Fica quieto. Volta aqui.” Ele veio e pegou meu braço. “Seu maluquinho. Quer apanhar.”

“Quero ver você bater nele.”

“Bato, sim. Fica quieto.” disse Luster. “Eu já disse que você não pode ir lá não. Eles vão tacar uma bola na sua cabeça e adeus cabeça. Vem cá, vem.” Ele me puxou para trás. “Senta aí.” Eu me sentei e ele tirou meus sapatos e arregaçou minhas calças. “Vai pra dentro d’água brincar pra ver se você para de babar e gemer.”

Eu parei e entrei na água e Roskus veio e me chamou pra jantar e Caddy disse:

Ainda não está na hora do jantar não. Eu não vou.

Ela estava molhada. A gente estava brincando no riacho e Caddy se agachou e molhou o vestido e Versh disse:

“Tua mãe vai te bater por causa que você molhou o vestido.”

“Vai me bater coisa nenhuma.” disse Caddy.

“Como é que você sabe.” disse Quentin.

“Sei porque sei.” disse Caddy. “Como é que você sabe.”

“Porque ela falou que vai.” disse Quentin. “Além disso eu sou mais velho que você.”

“Eu tenho sete anos.” disse Caddy. “Então eu sei.”

“Eu tenho mais de sete.” disse Quentin. “Eu já estou na escola. Não é, Versh.”

“Ano que vem eu também vou pra escola.” disse Caddy. “Quando chegar a hora. Não é, Versh.”

“Você sabe que ela te bate quando você molha o vestido.” disse Versh.

“Não está molhado não.” disse Caddy. Ficou em pé dentro d’água e olhou para o vestido. “Eu tiro.” disse ela. “Aí ele seca.”

“Duvido que você tira.” disse Quentin.

“Tiro sim.” disse Caddy.

“Melhor não tirar.” disse Quentin.

Caddy veio para perto de mim e Versh e virou de costas.

“Desabotoa, Versh.” disse ela.

“Não faz isso não, Versh.” disse Quentin.

“O vestido não é meu.” disse Versh.

“Desabotoa, Versh.” disse Caddy. “Senão eu conto pra Dilsey o que você fez ontem.” Então Versh desabotoou.

“Quero ver você tirar o vestido.” disse Quentin. Caddy tirou o vestido e o jogou na margem. Ela estava só de corpete e calcinha, e Quentin deu um tapa nela e ela escorregou e caiu na água. Quando se levantou ela começou a espirrar água em Quentin, e Quentin espirrou água em Caddy. Caiu um pouco de água em mim e em Versh e Versh me pegou e me pôs na margem. Ele disse que ia contar o que Caddy e Quentin fizeram, e então Quentin e Caddy começaram a espirrar água em Versh. Ele ficou atrás de uma moita.

“Eu vou contar pra mamãe o que vocês estão fazendo.” disse Versh.

Quentin subiu para a margem e tentou pegar Versh, mas Versh fugiu e Quentin não conseguiu. Quando Quentin voltou Versh parou e gritou que ia contar para a mãe. Caddy disse que se ele não contasse eles deixavam ele voltar. Então Versh disse que não ia contar, e eles deixaram ele voltar.

“Agora você está satisfeita, não é.” disse Quentin. “Nós dois vamos apanhar agora.”

“Eu não ligo.” disse Caddy. “Eu vou fugir.”

“Vai fugir nada.” disse Quentin.

“Vou fugir pra não voltar nunca mais.” disse Caddy. Comecei a chorar. Caddy se virou e disse: “Não chora.” Então eu parei. Então eles brincaram no rio. Jason estava brincando também. Estava sozinho separado dos outros. Versh saiu de trás da moita